

Arde a Palavra

Arder a Palavra e Outros Incêndios

Relógio D'Água Editores
Rua Santa Rósalia, nº 12
0800-5811 São Paulo
Tel. 218 474 4300
relógio.d'agua@relógio.d'agua.br
www.relógio.d'agua.br

Título: Arder a Palavra e Outros Incêndios
Autor: Ana Luísa Amaral
Revisão de texto: Anabela Frazão Cruz e António
César Gomes Costa / Ilustrações: Inês e Catarina
Lopes / Capa: K&L Póster (1970), de Maria Fátima

© Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2017

Esta publicação é descontinuada e co-financiada por Fimluz, através do acordo
de CCT - Financiamento para a Cultura e a Tecnologia, no âmbito do programa
Financiamento CCT/ELT 00700/2013 - e por Fundação FEDEPR através do Pro-
gramo Operacional Especial de Competitividade - COPELIT - POCTI 01
2013/FEDEPR-007770.

Impressão em papel 100% reciclado
www.relógio.d'agua.br

ISBN 978-989-644-301-9

Composição e diagramação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Europrint, Lda.
Deposito Legal nº 43817/07

Arder a Palavra
e Outros Incêndios

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: Arder a Palavra e Outros Incêndios
Autora: Ana Luísa Amaral
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)
sobre *Red Forest* (1970), de Max Ernst

© Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2017

Esta publicação é desenvolvida e co-financiada por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do programa Estratégico «UID/ELT/00500/2013» e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE «POCI-01-0145-FEDER-007339».

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-794-9

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Europress, Lda.
Depósito Legal n.º 435279/17

Ana Luísa Amaral

Arder a Palavra e Outros Incêndios

com a presença de Portugal no Brasil, 1492-1500

Arde o Brasil, 1500-1501

Arde o Brasil, 1502-1503

Arde o Brasil, 1504-1505

Arde o Brasil, 1506-1507

Arde o Brasil, 1508-1509

Arde o Brasil, 1510-1511

Arde o Brasil, 1512-1513

Arde o Brasil, 1514

Arde o Brasil, 1515-1516

Arde o Brasil, 1517-1518

Arde o Brasil, 1519-1520

Arde o Brasil, 1521-1522

Arde o Brasil, 1523-1524

Arde o Brasil, 1525-1526

Arde o Brasil, 1527-1528

Arde o Brasil, 1529-1530

Arde o Brasil, 1531-1532

Arde o Brasil, 1533-1534

Arde o Brasil, 1535-1536

Arde o Brasil, 1537-1538

Arde o Brasil, 1539-1540

Antropos

Índice

Em Forma de Prólogo, os Tempos Que Se Cruzam	9
--	---

ALGUNS ENSAIOS (A TRÊS TEMPOS)

I. ENTRE TEMPOS, CENTROS E MARGENS

Do Sublime Precário: Tempos, Corpo e Poesia	17
Dos Estudos Feministas à Teoria <i>Queer</i> : Algumas Reflexões	39
Entre Cânones e Margens: Dessexualizar o Poético?	43
Do Centro e da Margem: Escritas do Corpo em Escritas de Mulheres	61
Desconstruindo Identidades: Ler <i>Novas Cartas Portuguesas</i> à Luz da Teoria <i>Queer</i>	75

II. VI-OS JUNTOS: ESCRITAS VÁRIAS, VÁRIOS TEMPOS

«Durmo o Crepúsculo». Poéticas Sexuais em Mário de Sá-Carneiro	93
«Habito a Possibilidade —»: A Poesia de Emily Dickinson	105
«O Eu atrás do Eu, Oculto —»: Branco e Reclusão, ou Silêncio como Linguagem em Emily Dickinson	145
«Poderíeis Acreditar-Me — sem?»: Estratégias de Representação em Emily Dickinson e Mário de Sá-Carneiro	165
Jogos no Tempo e Tempo de Jogo: «The Love Song of J. Alfred Prufrock»	181
Litanias de Solidão: «A Cena do Ódio», de Almada Negreiros, e «The Waste Land», de T. S. Eliot	195
Da Terra e do Corpo Queimados, mas do Coração Regendo a Vida: <i>Marthiya de Abdel Hamid segundo Alberto Pimenta</i>	209

III. TEMPOS, POESIA E MUNDO: DOIS ENSAIOS, SOLTOS

«Se Tudo Fosse só Êxtase Súbito»: Poesia e Mundo 225
 Topografias em (quase) Dicionário: Rotas e Travessias 243

EPÍLOGO

Almada e C.^a: Drama Dinâmico ou Aproximações
 Peça em Três Actos 261

Nota 277

Índice

17 Do Sublime ao Comum: Tempo, Espaço e Poesia
 30 Das Estórias de Fernando Pessoa: Alguns Reflexões
 43 Entre o Simples e o Complexo: Poesia e Poesia
 61 Do Certo e da Margem: Escritos do Grupo em Poesia de Lisboa
 73 Desconstruindo as ideias: Uma viagem através da
 a Luz da Teoria Quântica
 85 O Espaço e o Tempo: Uma viagem através da
 93 Quando o tempo se apresenta: Poesia e o Mundo de Sá-Carneiro
 102 Quando o espaço se apresenta: A poesia de Fernando Pessoa
 112 O Espaço e o Tempo: Uma viagem através da
 142 Quando o tempo se apresenta: Poesia e o Mundo de Sá-Carneiro
 162 Quando o espaço se apresenta: A poesia de Fernando Pessoa
 181 Quando o tempo se apresenta: Poesia e o Mundo de Sá-Carneiro
 197 Quando o espaço se apresenta: A poesia de Fernando Pessoa
 209 Quando o tempo se apresenta: Poesia e o Mundo de Sá-Carneiro

Em Forma de Prólogo, os Tempos Que Se Cruzam

Que farei quando tudo arde?

SÁ DE MIRANDA

Ao escrever estas linhas, espécie de breve e solto prefácio aos textos que se seguem, lembrei-me de uma frase (algo arrogante) de Carlos Drummond de Andrade, que diz o seguinte: «A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas, por incrível que pareça, a quase totalidade das pessoas não sente esta sede.» Sabemos, é claro, que este não sentir está sobretudo ligado a questões de ordem sociocultural, com hábitos ensinados e depois integrados. Mas, ao ler a frase de Drummond, veio-me à memória o poema de Emily Dickinson, de tom (só aparentemente) mais humilde, que começa por «Não há Fragata como um Livro / Para levar-nos Terra afora»; tal como me veio à memória a frase de Fernando Pessoa «Ler é sonhar pela mão de outrem».

A leitura implica um gesto que passa pelos dois sentidos de comção: mover-se e comover-se. Implica um determinado tipo de acção. Mas tratará a leitura de um agir diferente do agir da escrita? É que agir não quer dizer só comportar-se ou conduzir-se, agir quer dizer igualmente intervir, e, no caso da escrita, significa também

pegar na caneta, ou no lápis, afiar o lápis, correndo o risco de, partindo-se o seu bico, partir-se também a ideia antes pairando, enquanto se afiou o lápis para dentro do cinzeiro que está em cima da mesa de café, isto se estivermos num café onde se pode fumar, que é onde é bom escrever, desde que não haja aquela música alta que agora põem nos cafés, com o pretexto de que toda a gente gosta, e é mentira, as pessoas

são coagidas a gostar de música alta, experimentem perguntar às pessoas e elas dizem que não gostam ou então que tanto lhes faz, mas continuemos, estávamos então a afiar o lápis, dizendo que agir significa também afiar o lápis, depois fiar-se no movimento da mão, afinar o tempo, a ver se porventura ali: ponto de luz em sobressalto ou calma, ficar-se em espera, olhando o ar, roendo a ponta do lápis, e onde é que está o prazer disto, e todavia o prazer está lá, espreitando, disfarçado de angústia, ficar então em espera, olhando o ar, depois desconfiar da palavra que de repente surge, ou não tão de repente, porque, nestes casos, foi convocada por uma ideia ou mesmo quem sabe por outra palavra que veio antes dela, mas o processo é sempre um pouco estranho — e, apesar disso, apesar de tudo, do prazer, do desprazer que tudo isto traz, ainda assim confiar na palavra, no seu aparecimento, que é às vezes também aparição...

Derivei. Falei agora da escrita. Só que não era de escrita que eu queria falar, mas de leitura, porque este livro é um livro de textos vários — ensaios, uns mais formais, outros mais soltos, uma peça sobre literatura. Volto, portanto, ao início: se a escrita está ligada ao prazer, é porque ela não vive sem a leitura. Por isso é que citei Drummond, e, embora de forma parentética, falei da arrogância da sua afirmação, que mais não é, afinal, do que a arrogância poética de que escreveu uma ensaísta portuguesa ao estudar Fernando Pessoa e outros poetas grandes, de que aqui eu falarei também na segunda parte do livro, como Mário de Sá-Carneiro, ou Almada Negreiros, T. S. Eliot, ou (na peça que fecha o livro) William Blake ou Alfonsina Storni. A ensaísta portuguesa, que surgirá várias vezes citada ao longo destes textos, é Maria Irene Ramalho, que refere Emily Dickinson como uma das/dos arrogantes. (Como hei-de dizer isto de uma forma que, não traindo o sexo de Dickinson, não a faça também deslizar para um falso neutro? Tentarei tratar também desta questão, e de outras que lhe são adjacentes.)

Mas o que quero é falar da leitura, da ideia de prazer ou inescotabilidade do prazer que a leitura traz (investido e com juro, que não são os das bancas, mas produzem resultados muito mais lucrativos). Havia um poeta neoclássico, Samuel Johnson, Doctor Johnson, como ele era conhecido, aquele «Doctor» a marcar-lhe a importância de sumidade falando de equilíbrio na poesia, que dizia qualquer coisa como «a maior parte da vida de um escritor é passado na leitura; depois, uma pessoa revira metade de uma biblioteca para fazer um só livro».

Dizer que é muito bom ter um livro para ler e não o fazer, ou que ler é maçada e escrever é nada — tudo isso é só intenção de poema, porque os actos de quem o disse desmentem, como sabemos, as intenções. De finanças, não há-de ter sabido muito Cristo, e biblioteca também não possuiu, embora tenha ajudado, sem querer, a construir uma, feita de um livro só, cheio de versões e de autores, e que dizem até poder ter incluído uma mulher a escrever (mas não sei se este aparte não se deverá ao meu lado feminista a falar, o tal lado que se preocupa com o problema do falso neutro). O que é certo é que, para aqueles que depois organizaram o livro que moldou cultura e civilização ocidentais, tudo o que lá não servia foi relegado para os apócrifos; mas esse é muitas vezes o problema dos seguidores, dos que querem obedecer a todo o custo, ou dos que se esmeram em rigidez e crueldades. É que o cânone é assunto de lei, e «as leis», como notava Alberto Pimenta, «fizeram-se para se cumprir, / diz o que as fez mostrando o dedo, // as leis fizeram-se para se cumprir, / diz o que as fez, mostrando o medo». Os ensaios soltos falarão disto um pouco.

A escrita não se dissocia da leitura. É como (imagine-se) um pingo de tinta nanquim, aquela que se usava na escola antigamente para o tira-linhas e o compasso, aquela que os chineses usam nos desenhos, nas aguarelas — e na escrita, claro. A escrita é como um pingo de tinta nanquim a cair dentro de água: tudo se dilui, e o que temos é um líquido que não é já nem água nem tinta nanquim. Assim se escreve o que se lê, até porque são ambas líquidas, a leitura e a escrita. E têm, como líquidos que se prezam, as suas regras, as suas leis, os seus saberes próprios. Os seus sabores. Mas as suas leis são leis boas e fazem-nos pensar, e sentir, e agir, e sempre de uma forma diferente, sendo que agir, como disse acima, não quer só dizer actuar, mas simplesmente fazer qualquer coisa, que é aquilo de que precisamos, nestes tempos em que andam em guerra com a nossa razão e em que nada se compadece de nada, muito menos da lentidão e da imaginação que a leitura e a escrita solicitam, desimportantes para os que mandam no mundo e que nos violentam a sermos numéricos e velozes, que nem notam que ela importa, sim, essa lentidão.

Tem razão Mia Couto, ao lamentar que «estamos deixando de ler no sentido da raiz da palavra», sentido esse que é «legere», ou seja, «escolher», e que, em vez disso, somos «cada vez mais objecto de apelos que nos convertem em números, em estatísticas de mercado». Por isso é tão importante entender, com Mia Couto, que a falha de

leitura não está só relacionada com livros, mas com o mundo, ou seja, «não sabemos ler o mundo» e, portanto, «não lemos os outros». E, ao falarmos dos outros, falamos de identidades, de des-identidades, de relações e de diálogos com o mundo — tudo assuntos de que vou aqui falar também.

Ora o prazer que nos dá ainda hoje ler coisas escritas há muito tempo como o verso de Sá de Miranda «Que farei quando tudo arde»... Palavras que foram mudando de identidade, mantendo integridades. Porque as identidades, sabemos-lo, transitam, viajam — não se estabilizam em blocos sólidos, antes são como a água, que vai adquirindo formas várias, consoante o vaso (comunicante) onde se espalha, ou a tinta em que se acolhe. E que prova melhor queremos nós, ao vermos como esse pequeno verso de Sá de Miranda, com que comecei estas linhas, viajou do século XVI para os anos sessenta e para Gastão Cruz, para um tempo em que também era muito preciso fazer qualquer coisa, e depois para há uns anos poucos, por mão de Lobo Antunes. É por isso que o verso de Sá de Miranda pode vir agora para aqui, deixando-se ser lido. Descansar. Metaforicamente, descansar. À espera.

Porque acredito que podíamos até fazer outras coisas, além de livros de ensaios. Ou seja, podíamos agarrar no verso ou na linha escrita e investi-los de emoção e de locomoção, e também escrevê-los nas paredes ou, melhor ainda, nos jornais. Por alguma razão se diz ter Napoleão afirmado ter mais medo de um jornal que de cem mil baionetas. Ou talvez esta seja uma daquelas frases que me ficaram de memória e não seja bem assim a frase...

Mas faz sentido, não faz?